

Disputa quebra tradição no Senado 130

Pela primeira vez na sua história recente, a tradição do maior partido com assento no Senado indicar oficialmente o presidente da Comissão Diretora poderá ser quebrada no próximo ano quando, em fevereiro, será escolhido o sucessor de Humberto Lucena. Como é de praxe, o PMDB reunirá a bancada e elegerá um nome, que normalmente o plenário consagra. Mas, desta vez, o senador Nelson Carneiro, que em 86 foi derrotado por Lucena, ameaça não desistir da ideia de se apresentar como candidato avulso, caso perca outra vez para Alfredo Campos.

O líder do PMDB, senador Ronan Tito, marcou para o dia 17 a reunião da bancada no Senado, quando pretende abrir o debate à sucessão na casa, que tem como candidatos lançados à presidência apenas Nelson Carneiro e Alfredo Campos. Outros nomes apenas são lembrados, como o de Saldanha Derzi, mas ele mesmo diz que não está tratando disso nem disposto a brigar pelo cargo. Tito apóia Carneiro, alegando que é compromisso antigo. Campos revelou ontem que sempre foi homem de partido e preferia decidir a indicação dentro da bancada do PMDB, que por ser ainda a maior — hoje mantém apenas 33 dos 48 senadores desta legislatura — tem direito ao cargo de presidente da Comissão Diretora. Mas ao saber da disposição do senador Nelson Carneiro, foi categórico: "Se o adversário for para o plenário, não corro da luta, nem vejo problema em quebrar a tradição de tantos anos". Ele, contudo, não acredita em algumas prévias divulgadas por peemedebistas segundo as quais o seu concor-



Alfredo Campos (esq.): à frente de Nelson

rente está em melhor condição eleitoral.

Ao contrário do senador Nelson Carneiro, que mantém a mesma linha de não pedir votos aos colegas — como fez quando disputou com Humberto Lucena — porque acha que a eleição no Senado é de elite e cada um tem sua convicção formada, Alfredo Campos está em campo há algum tempo. Telefona, marca almoços e jantares, atua nos bastidores, procura composições e ouve as sugestões dos colegas, porque entende que precisa formar uma chapa homogênea para dar à administração agilidade.

O senador Nelson Carneiro explicou que sua campanha se resume a confiar na palavra dos colegas. Mas se sente mais fortalecido para essa eleição, já que quando foi derrotado por Humberto Lucena, a bancada do PMDB era, na sua maioria, de gente novata, em primeiro mandato, que não o conhecia bem. Por isso, apesar de estimulado a desafiar a decisão majoritária do partido e

ir disputar no plenário, naquela época, acabou desistindo.

Agora, revelou, esse é um assunto a pensar, caso a derrota venha a se repetir, embora creia que ganhará a indicação dentro do próprio PMDB. "Estou convencido de que a bancada me prestigiará", disse, achando que a coleta de votos se assemelha a uma corrida de revezamento: "um passa o bastão do estímulo do voto para o outro".

O senador Nelson Carneiro também considerou intriga dos que não se comprometeram com sua candidatura a versão de que ele quer conquistar a presidência do Senado pelo PMDB, para, depois de empossado, trocar o partido pelo PSDB. Isso surgiu porque ele pediu licença da presidência ao PMDB do Rio para apoiar a filha, Laura, que é candidata a vereadora pelo PSDB.

— Minha situação, explicou, é igual à do governador Waldir Pires na Bahia (que apóia um tuca, Virgílio Sena, e não Fernando José, do

PMDB, candidatos à prefeitura de Salvador), não vou sair do PMDB e o apoio oferecido ao PSDB no meu Estado tem a ver com a política local. Aliás, completou Carneiro, isso vem acontecendo em outros lugares, como no Espírito Santo, com o senador Gerson Camata.

Os senadores Alfredo Campos e Nelson Carneiro têm um ponto em comum: ainda não fizeram plataforma de campanha. Mas param aí. Campos está conversando com os diversos postulantes a cargos na mesa, que terá sua composição um pouco alterada, porque os sete lugares efetivos terão que reservar espaço também para o PSDB. Depois, defende que um deles, ainda, passe a ser destinado aos pequenos partidos, que só ganhavam representação na suplência, mas cresceram o bastante para serem também aquinhoados.

Sem ainda definir a que partidos caberão os cargos restantes da mesa, o que não falta mesmo são candidatos. Entre eles estão os senadores Alexandre Costa, Iran Saraiwa, João Castelo, João Lobo Mendes Canale, Mário Lacerda e Albano Franco.

Desses nomes, o mais citado é o do senador Mendes Canale (PMDB-MS), que já está em franca campanha para retornar à 1ª Secretaria, cargo considerado chave na administração do Senado. O senador João Calmon (PMDB-ES) vem sendo lembrado com insistência para a 1ª vice-presidência, mas não pleiteia o cargo — embora seja um dos mais抗igos senadores no exercício do mandato, que desempenha desde 1970, nunca reivindicou postos na Mesa.